
PARTE IV

Estante

Recensões

RECENSÕES

- **A INTERCULTURALIDADE
NA EXPANSÃO PORTUGUESA**
João Paulo Oliveira e Costa
Teresa Lacerda
Editora: ACIME (ISBN 9789898000316)
Lisboa, 2007 - 159 pp.

Da colecção “Observatório da Imigração”, publicado pelo Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas (Presidência do Conselho de Ministros), saiu em Maio de 2007 uma publicação que vem ocupar um lugar privilegiado nos estudos da interculturalidade portuguesa no mundo. Obra talhada para a grande divulgação.

João Paulo Oliveira e Costa e Teresa Lacerda apresentam um trabalho de excelente síntese histórica sobre a presença portuguesa no mundo durante as Descobertas. Em cinco capítulos e em breves palavras, o texto decorre ao sabor de uma viagem histórica e agradável de se ler sobre a “Interculturalidade e a multiculturalidade face à História”. Pela novidade dos conceitos e pela necessidade de os explicitar, os temas “Globalização” e “Interculturalidade” são expostos no início, introduzindo de forma pedagógica temas que tem ocupado grande parte da atenção mundial, e que são o cerne da dinâmica mundial na política e na economia do século XXI. Porém, “Globalização” e “Interculturalidade” num contexto próprio que o foi da Expansão e dos Descobrimientos portugueses.

No correr da pena estes conceitos são expostos ao sabor da história, revelando ao leitor aquela verdade óbvia e clássica em que os povos sempre intercomunicaram, mas aos portugueses o impulso dado pela enorme síntese cultural (clássica, árabe, judaica e cristã) permitiu ir mais longe, levando consigo essa mesma tradição e a sua forma de organização social e religiosa; e não menos importante, a língua. Portugal e os portugueses derramaram pelo mundo a cultura europeia com os Descobrimientos, e esta foi uma das mais estupendas formas de Globalização e de Interculturalidade, que permitiu unir o mundo das culturas, das religiões e das ciências.

Se o termo Globalização derivou de um anglicismo nos anos 90, relacionado com a economia e a política, a cultura e a tecnologia, não menos o seu sentido está intrinsecamente ligado ao perfil e à alma dos próprios Descobrimientos. Este livro que se nos apresenta agora tem o mérito de nos colocar perante duas emergências históricas de impacto mundial e civilizacional: a Globalização dos Descobrimientos e a Globalização do mundo contemporâneo. Também aqui e desde o início, Portugal, ao ter contornado a África, teve “as primeiras visões do outro”, dilatando a sua experiência à medida que “a África se ia descobrindo” e a Rota do Cabo se estendeu até um outro achamento, “a descoberta do Índico”. Os saberes do Oriente, as “Notícias da Ásia Oriental” e o imenso

espanto das populações que descobriam nos portugueses ainda desconhecidos um “outro” ser do outro lado dos seus mundos.

Os Descobrimentos implicaram uma profunda adaptabilidade cultural de ambos os lados, uma interculturalidade de longo curso histórico, e com isso a emergência de “diferentes modelos de Expansão”. O contacto dos portugueses com outras culturas permitiu igualmente à escala global (a da altura), a troca de produtos e de conhecimentos únicos para a época, que possibilitaram a revolução no pensamento, nas ciências, na economia, na política e na religião. Nesta perspectiva, os portugueses foram os “Primeiros agentes de interculturalidade” e os primeiros nos quais o fenómeno dos “renegados” (que abandonavam de vez o seu país) assumiu um papel igualmente importante como agentes de intercultura.

Mas mais os portugueses deram em religião do que receberam. E deram-na com a Missionação ao mesmo tempo que realização o enorme “esforço de aculturação”, como no caso do Reino do Congo e consequente transferência de padrões de conduta e de valores cristãos para o território. A mestiçagem, resultado deste fenómeno, sentiu-se por todas as terras da Expansão, e não sendo apenas a língua portuguesa a integrar-se nas línguas vernaculares (*pídgin*s e crioulos), foi

igualmente a nova música que surgia como resultado da síntese: as *mornas* de Cabo Verde e os *addav* de Goa; mas igualmente as novas famílias (*casados*) que se fizeram.

Em retorno da Expansão, o Reino de Portugal teve igualmente escravos, como qualquer outro país, da Europa, da África ou da Ásia. Mas aqui, no *Reino*, “Longe de qualquer preconceito de cor, os trabalhadores da Ribeira, brancos livres e escravos negros, tinham o hábito de se sentarem todos juntos à mesma mesa para comerem”.

Finalmente, e como resultado da interculturalidade proporcionada pela Globalização dos Descobrimentos, a arte europeia, e primeiro a portuguesa, integraram elementos novos à sua estética visual. Da Pérsia, da Índia e da Ásia extrema a pintura e a escultura, como os tecidos e os tapetes, passaram a fazer parte do espaço cultural português e depois europeu. Por outro lado, Os artesãos africanos aceitaram os motivos da cristandade e da própria Ordem de Cristo, para decorarem a sua arte. Desta Globalização dos Descobrimentos nasceu uma “nova arte cristã”, uma nova forma de pensar e de representar o outro, de ver o mundo e de o partilhar, baseado na “capacidade lusa de criar entrepostos comerciais” do Brasil a Macau.

José Carlos Calazans

• *A INFLUÊNCIA DE JOAQUIM DE FLORA EM PORTUGAL E NA EUROPA*

– escritos de Natália Correia sobre a utopia da idade feminina do Espírito Santo

José Eduardo Franco

José Augusto Mourão

Editora: Roma Editora (ISBN 9789728490676)
Lisboa, 2005 – 266 pp.

O presente volume da autoria de José Eduardo Franco e José Augusto Mourão passa a ser uma obra de referência sobre a influência do abade calabrés nas utopias milenaristas surgidas no mundo ocidental após a divulgação dos seus escritos e sob a influência do seu pensamento.

Neste espaço não vale a pena falar do conteúdo desta obra, excepcional sobre todos os pontos de vista, porque a lin-